

VIOLÊNCIA SOLITÁRIA UMA ABORDAGEM FILOSÓFICA POR FREUD E BAUMAN

MARCHI, William Ricardo de Almeida*

Resumo

Famosos nos anos 80 e 90 por seus atos de violência nas ruas da Grande São Paulo, os Carecas do ABC chocaram a sociedade da sua época e até hoje são motivo de debates. Nesse artigo, abordaremos as ações violentas desse grupo urbano, através das teorias sociais de Freud e Bauman, explorando a idéia de agressividade humana inata, vida em sociedade e a violência como resposta instintiva a uma situação de insegurança social.

Palavras-chave

Carecas do ABC, violência urbana, comunitarismo, sociedade, insegurança.

1 INTRODUÇÃO:

Era o início dos anos 60 e o país passava por turbulentas e radicais mudanças no cenário político e social, tão rápidas que estudantes confundiam-se com trabalhadores nas ruas em sucessivas marchas de protesto e até as respeitáveis senhoras da Liga Católica saíram às ruas para reclamar seus direitos exigindo a volta dos “bons e velhos” costumes.

Velhas modas de viola, valsas, e marchinhas musicais davam lugar ao rebelde e agitado “rock-and-roll”, cabelos cresciam na mesma medida que as saias diminuían, a consciência social se confundia com a quebra de antigos paradigmas.

Diante de tudo isso uma nova sociedade se formava e assim foi até que o golpe militar ocorresse na tentativa de restaurar a velha ordem social e devolver as coisas aos seus devidos lugares, condição que permaneceu durante vinte anos sem que se conseguisse alterar o rumo natural da história, ao que tudo indica, apenas atrasando-o um pouco.

E ainda dentro desse cenário, já no final desses vinte anos, surgia um grupo de jovens que destoava dos padrões pré-estabelecidos para os jovens da época e nada lembrava aqueles do início dos anos sessenta, um grupo que nascia em meio à classe operária da Grande São Paulo, um grupo multirracial que embora por vezes flertassem com o fascismo, que de modo algum admitia o racismo ou tinham alguma ideologia política.

* Mestre em Direitos Fundamentais e Especialista em Direito Penal; Professor de Direito Constitucional, Direito Penal e Direito Processual Penal – Faculdade de Direito do Centro Universitário de Araras “Dr Edmundo Ulson”; williammarchi@gmail.com

Autodenominados “Carecas”, eles reinaram soberanos entre tantos outros grupos que surgiram na mesma época como os punks, rockabilies e neonazistas e se destacaram pela violência que às vezes beirava a barbárie. Representavam assim o início de uma ruptura definitiva com o antigo modo de vida, iniciada no início da década de sessenta.

E é dentro desse cenário que focaremos nosso trabalho analisando particularmente esse grupo social que teve seu surgimento, apogeu e declínio em uma década que mudou definitivamente os rumos da história desse país – os anos 80.

2 QUEM SÃO OS CARECAS DO ABC?

Grupo urbano organizado que alcançou fama na década de 80 por suas ações violentas na zona metropolitana de São Paulo. É importante esclarecer desde já que, no presente artigo, trataremos do grupo que teve sua formação, apogeu e extinção entre o início e o fim da década de 80, desse modo evitamos equívocos e confusões muito comuns com outros grupos que atualmente se denominam "Carecas".

O visual destes grupos é forte motivo de enganos, já que em termos de identificação visual eles muito se assemelham para olhos leigos: coturno por cima das calças jeans, suspensórios, músculos e a famosa cabeça raspada. Alguns ostentam também tatuagens e camisetas com palavras de ordem.

É no âmbito da ideologia que está a principal diferença entre os Carecas do ABC e dos demais grupos urbanos: ao contrário do que comumente se acredita, os Carecas do ABC não se identificavam de forma alguma com o pensamento neonazista, sendo inclusive os defensores deste pensamento, os seus principais inimigos. Os Carecas do ABC se orgulhavam de ter entre suas fileiras de membros, representantes das minorias brasileiras, como negros e nordestinos, sendo um de seus bordões mais comuns “Carecas! Oi! Oi! Oi! Não gostamos de nazismo! Não gostamos de racismo! Carecas!”, normalmente entoado durante entre as músicas, nas festas promovidas pelo grupo.

A orientação ideológica dos Carecas do ABC flertava com o fascismo, sobretudo quanto à organização hierárquica interna e código de conduta, já que sob nenhum aspecto o grupo tinha ações de cunho político. Os Carecas não possuíam uma literatura canônica ou obra de referência que justificasse suas ações, não havia liderança centralizada nem organização para as ações – tudo estava deixado à sorte durante as andanças dos pequenos núcleos do grupo pelas áreas urbanas – e, principalmente, não havia um objetivo final qualquer que lhes pautasse as ações.

Não sendo um grupo com qualquer ambição política ou porta voz de alguma ideologia definida, não havia nada que pudesse justificar suas ações de extrema violência que ficaram comuns na São Paulo da década de 80. Essa ausência de razões plausíveis talvez seja o que tenha tornado o grupo tão famoso numa época onde a política brasileira fervilhava e discursos politizados e ações públicas eram lugar comum.

Caracterizada pelo uso de armas brancas – como tacos de baseball, pedaços de madeira, correntes e o famoso soco inglês – e por chegar aos extremos da barbárie. Ao contrário da aparente aleatoriedade, essa violência era destinada a inimigos muito específicos e declarados: punks, metaleiros e roqueiros de todos os tipos, góticos, rockabilies e os já citados skinheads neonazistas.

De difícil distinção para o cidadão comum, esses grupos guardavam entre si pequenas e às vezes sutis diferenças – fossem elas ideológicas, estruturais, musicais ou meramente visuais, - que chegavam a envolver uma centena de jovens em praça pública e à luz do dia e a deixar mortos e feridos pelas ruas da cidade. Literalmente.

3 O HOMEM FREUDIANO NUM MUNDO LÍQUIDO:

Em *O Mal Estar na Civilização*, Freud disserta sobre o eterno conflito entre natureza humana e civilização, demonstrando que para a existência da última, aspectos cruciais inerentes à primeira devem ser fortemente restringidos e mantidos sob a vigília dos membros da sociedade uns sobre os outros. São eles: sexualidade e agressividade.

Enquanto o controle da pulsão sexual fica a cargo de instituições como religião, casamento e família, a segunda é regulada primordialmente pelo Estado, por meio da legislação e da coerção policial. A liberação de qualquer uma dessas pulsões naturais humanas representa uma espécie de quebra no contrato social e afeta a sociedade como um todo, na medida em que ameaça sua integridade estrutural e a segurança dos seus membros.

Deste modo o indivíduo está sempre em conflito com sua natureza libidinosa e agressiva e a pungente necessidade da manutenção da sociedade como forma de protegê-lo da manifestação dessas pulsões por parte de outros indivíduos. Qualquer alteração nas estruturas sociais – sejam elas econômicas, sociais, morais ou políticas - é, por um lado, a manifestação das pulsões de um grupo que se sente inseguro na circunstância atual, e por outro, a resposta instintiva do grupo que se sente ameaçado pela nova situação.

Falaremos aqui de uma dessas mudanças estruturais na sociedade e da sua responsabilidade no surgimento de grupos urbanos violentos apolíticos como os Carecas do ABC.

3.1 Anos 80: a liquefação da modernidade:

Esfriamento da economia mundial, crescimento do desemprego, a estratificação da vida urbana, aumento da criminalidade, revolução nas comunicações, a falta de oportunidades na juventude e a incerteza da velhice, num cenário onde o índice de divórcios cresce rapidamente e a família, uma notória base da estrutura social, não é mais indestrutível como fora poucos anos antes. Dentro desse quadro a década de 80 se apresentou como o início de um processo de mudanças que culminaria no fenômeno que conhecemos hoje como globalização e foram esses períodos de insegurança coletiva que Freud chamou como ápices da manifestação das pulsões humanas.

O cenário acima descrito é justamente o que Bauman chama de Modernidade líquida, onde o conceito de comunidade entra em declínio e emerge a idéia de identidade. Num mundo onde o Estado não é mais um fator de coesão entre os cidadãos, mas apenas uma condição geográfica, homens e mulheres passam a buscar segurança na formação de pequenos grupos formados através da identificação entre seus membros.

Assim surgem novas denominações religiosas, novos partidos políticos, novos conceitos sobre formação familiar e novas formas de movimentar a economia, em suma, novas formações sociais, menores em número de indivíduos, membros e duração histórica, mas com coesão interna e segurança estrutural maior do que as oferecidas por um Estado em processo de liquefação.

São as chamadas comunidades explosivas ou *cloakroom communities*, surgidas da necessidade de continuar o processo de sociabilidade humana diante da deficiência das estruturas hierárquicas arbóreas do Estado. Quanto à nomenclatura utilizada por Bauman, a primeira refere-se a sua efemeridade temporal, surgem e duram o breve tempo entre sua 'explosão' e extinção; a segunda forma de denominá-las sugerida por Bauman refere-se a um de seus traços marcantes que é a necessidade de um evento que una indivíduos diferentes para um mesmo objetivo durante certo período de tempo.

A identidade entre os membros dessas comunidades de ocasião é definida não pela homogeneidade dos seus membros nem por seus objetivos sociais comuns, mas pela identificação grupal através de uma única característica que os diferencie dos demais grupos

semelhantes. Ricardo Gomes, dissidente do grupo Carecas do ABC explica com suas palavras essa forma de identificação pela exclusão: “Nosso mundo era só nós. Não existia isso de se misturar com outras pessoas. É como se você fosse inimigo do mundo”.¹

Desse modo, é fácil compreender os grupos urbanos surgidos na década de 80 no centro urbano de São Paulo como uma manifestação de comunidades explosivas, surgidas em resposta a liquefação da estrutura social conhecida até então.

4 CARECAS DO ABC: UMA COMUNIDADE EXPLOSIVA:

Baseado no que vimos até agora, podemos encaixar com facilidade os carecas do ABC na condição de comunidade explosiva e *cloakroom communities* definida por Bauman.

4.1 O fator instabilidade:

Comunidades explosivas são por natureza “instáveis, calorosamente contestadas e destituídas de base em que se apoiar – à exceção das ações apaixonadas e frenéticas de seus partidários”. Como toda gangue, os Carecas do ABC são destituídos de uma estrutura hierárquica arbórea, tendo seu sustentáculo nas ações e na paixão de seus membros. Em entrevista à revista Rolling Stone Brasil, um dissidente do grupo resume as bases teóricas que motivava as ações do grupo: “O que os Carecas do ABC liam? “Nada, porra nenhuma!”, responde Ricardo Sombra(…).”²

Ainda no fator instabilidade, Bauman cita a curta duração desse tipo de grupo, e os carecas se mostram um bom exemplo também nesse quesito, já que teve seu nascimento, apogeu e desaparecimento num período não maior que uma década.

4.2 Violência:

A violência como forma de sedimentação e propagação da comunidade é outra característica de uma comunidade explosiva que os Carecas do ABC preenchem significativamente.

¹ Revista Rolling Stone Brasil, junho de 2008, p. 90.

² Revista Rolling Stone Brasil, junho de 2008, p. 90.

Evidentemente, Bauman também compreendia essa violência como ideológica, na figura de um ato de violência primordial que é simbolicamente revivido pelos membros da comunidade, mas no caso do nosso grupo tomado como exemplo, a violência toma formas concretas.

O “crime original” dos Carecas do ABC é perpetuado a partir da cerimônia de iniciação carregada de uma simbologia simples: primeiro o membro apanha, para depois poder bater, como se vê no relato a respeito desse batismo do grupo:

Sua igreja iria ser um corredor polonês. Um exército de 80 homens fortes, vertendo sangue pelos olhos, ávidos em ver que o postulante ao novo cargo passasse ali pelo meio (...). Porque a única forma de Sombra virar um careca do ABC era lhes conceder aquele sangue derramado em ritual consentido.³

O que se seguia ao batismo era a primeira surra em um inimigo desconhecido, de forma que a memória do crime original e a razão da sua perpetuação estivessem vivas na mente de mais um novo membro da comunidade.

4.3 Inimigo comum:

Freud já previra que a manutenção de um grupo humano onde para que seus membros se reconheçam como iguais, requer a existência de um outro grupo que possa ser reconhecido como o diferente, e nessa diferença necessariamente deve residir uma inimidade preconceituosa.

Bauman reitera esse conceito, observando que esse inimigo comum deve estar próximo o bastante - em convivência e em semelhança - para que sua imagem possa ser evocada com frequência, e diferente o suficiente para ser identificado e repellido com rapidez.

Como já citado anteriormente, os Carecas do ABC contavam com diversos inimigos comuns, a ponto de um de seus ex-membros afirmar que eles se consideravam inimigos do mundo.

O que mais me chamava atenção na época eram os heavy metal, eram os que eu mais caçava. Em segundo, eu corria atrás dos góticos, que andavam de preto. Tinha os rockabilly, várias tribos. Mas os inimigos que meus, os que eu mais corri atrás, eram os metaleiros e os skinheads, quando passei a bater de frente com eles.⁴

De difícil distinção para a sociedade, e muitas vezes classificados numa mesma categoria pela opinião pública e pelas autoridades, esses grupos eram inimigos ferrenhos entre

³ Revista Rolling Stone Brasil, junho de 2008, p. 90.

⁴ Revista Rolling Stone Brasil, junho de 2008, p. 91.

si e suas irrisórias diferenças – que muitas vezes eram apenas referentes a códigos visuais e gostos musicais – eram motivo de violência extrema.

4.4 O fator *cloakroom*:

Por último devemos pensar nos Carecas do ABC sob o prisma das chamadas comunidades de carnaval ou *cloakroom communities*, assim chamadas por Bauman por terem sua existência baseada em situações eventuais. O autor usa o exemplo de espectadores de uma peça de teatro, que se vestem e se comportam de uma mesma forma durante o tempo da peça, e depois retomam suas vidas diferenciadas; e o carnaval, que une pessoas diferentes durante um evento de curta duração, onde elas extravasam e quebram a monotonia, unidas pelo laço da temporalidade.

Assim também ocorre com os Carecas do ABC cuja razão de ser do grupo estava nos eventos de violência promovidos por seus membros. Mais do que uma atividade, as brigas entre gangues rivais era a própria existência do grupo como instituição e esses episódios – juntamente com as vestimentas característica – eram os únicos pontos de ligação entre os membros heterogêneos dessa comunidade.

Demonstrações de piedade com inimigos, atitudes pacíficas, perda de interesse ou de capacidade de se envolver nos atos violentos, eram motivos para que um membro fosse visto como desertor e tivesse sua expulsão do grupo decretada num ritual tão violento quanto, ou mais que a própria iniciação:

Quando você é um careca muito pacífico, os caras te expulsam do bando, e aí vão te expulsar com uma bela surra. Vão te sangrar, te bater, e daí pra frente eles nunca mais vão mexer com você, não vai feder nem cheirar. Só que você não é mais careca.⁵

5 CONCLUSÃO:

Como vimos até aqui um Careca jamais se auto definiria dentro de modelos conhecidos ou qualquer tipo de modelo, justamente por não se enquadrarem em nenhum modelo, porém, se analisarmos cuidadosamente a questão do comportamento, hábitos e modo de vida desse grupo vamos ver que não há nada mais Nietzscheano que os Carecas do ABC, que como Nietzsche colocava, foram um grupo de “predadores”; eles são, segundo a visão de

⁵ Revista Rolling Stone Brasil, junho de 2008, p. 93.

Nietzsche, os fortes e sedentos de poder que, como outros tantos grupos (e exércitos), ao longo da história moldaram nossa civilização.

Emersos do caos e da desordem, alimentados e potencializados na guerra urbana na qual se lançaram os Carecas, nos forçam a lançarmos olhares para nós mesmos, retirando abruptamente nossas máscaras de seres nobres e superiores, cultos e sábios que, diferente deles, que agiam tanto à luz do dia como sob a proteção apenas das estrelas, nós nos alimentamos ocultamente da barbárie, da miséria humana e da violência no seu estado mais bruto, às escondidas, acrescentando pontos e mais pontos de audiência nas TVs e jornais que mais parecem Coliseus modernos onde os pobres e fracos são jogados às feras sob os olhares complacentes da turba sedenta de sangue, sempre pronta para erguer e apresentar o “polegar para baixo”.

Após a carnificina diária ainda encontramos tempo para um lanche no shopping, indiferente aos miseráveis que encontramos pelo caminho. Isso também não é violência, gratuita, sem sentido? É como Nietzsche fala em sua obra “Assim falou Zaratustra”: “... E então se envergonha vosso espírito de fazer a vontade de vossas vísceras, e se esquiva de sua própria vergonha por vias de dissimulação e de mentira.”⁶

Como vimos neste trabalho despreza-se o inimigo quanto mais ele se aproxima de nós em convivência e semelhança, ou seja, não é o ódio ao diferente, é o ódio a aquilo que ele nos faz lembrar, nos faz ver dentro de nós mesmos e que queremos manter ocultos.

Filósofos como Nietzsche, Freud e Bauman colocam frente aos nossos olhos uma realidade que a civilização moldou, que fez surgir e quer ocultar, mas não destruir, a violência faz parte da natureza humana, somos humanos demais para nos livrar dela e de tudo o que ela representa.

Podemos concluir tomando como base as próprias palavras e explicações de Ricardo Sombra, ex-Careca do ABC, que ilustram as visões apresentadas tanto por Freud como por Bauman, quando ele se vê colocado frente a deserção de um membro do grupo, “quando ele vai ficando da paz”, segundo palavras do próprio Ricardo, há um momento que a violência por si só perde o sentido frente ao clamor agudo do grupo social maior, a família, o trabalho, a necessidade de afeto e de reconhecimento.

Esse clamor acaba por falar mais alto e passa a fazer surgir no homem a necessidade de tentar se reintegrar a esses grupos maiores que antes deixara para trás e que por um tempo combatiera de forma brutal e até mesmo sangrenta, e sem perceber que na verdade combatia a

⁶ Nietzsche, Os Pensadores – Obras incompletas, Ed. Nova Cultural, p. 223.

si mesmo, ao seu próprio Eu interior, que teimava explodir como forma de mostrar-se vivo e presente, se fazendo notar da forma como conseguia e que lhe era possível naquele momento da sua vida.

REFERÊNCIAS:

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2000.

FREUD, Sigmund. **Mal Estar na Civilização**. Rio de Janeiro.: Imago, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras Incompletas**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

ROLLING STONE BRASIL. **Cabeça feita**. São Paulo. Spring, n° 21, 06/2008.